

Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

Leda Maria da Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro. RJ. Brasil
Contato com a autora: ledamonte@hotmail.com

Resumo: A eliminação a seleção brasileira da Copa de 2014 aconteceu após uma derrota para a Alemanha pelo placar de 7 a 1. Esse jogo foi interpretado por grande parte da imprensa esportiva como a maior vergonha dos cem anos da seleção nacional, completados naquele mesmo ano. Para contar a história do 7 a 1 foi constante o acionamento da derrota de 1950 feito em grande medida com o objetivo de demonstrar que a eliminação da seleção brasileira da Copa de 2014 havia sido uma derrota que quitaria com a chamada “tragédia de 1950” como ficou conhecida a derrota do Brasil para o Uruguai na Copa daquele ano, no Maracanã. Este artigo propõe-se a analisar as recepções das decisivas derrotas da seleção brasileira em 1950 e 2014, produzidas pela imprensa esportiva, objetivando mostrar aproximações e distanciamentos. Os diferentes modos de se narrar o fracasso da seleção brasileira em campo, em Copas do Mundo, indicam importantes mudanças no cenário nacional e global, relativos não somente ao futebol, mas a aspectos vinculados à imprensa esportiva, assim como às interpretações que o país faz de si mesmo por intermédio do futebol e, em especial, durante as Copas do Mundo.

Palavras-chave: Copa de 1950. Copa de 2014. Imprensa esportiva.

Abstract: Goodbye Maracanazo? The press narratives on the Brazilian team from the 1950 tragedy to the 2014 shame. The elimination of the Brazilian team of the 2014 World Cup took place after a defeat to Germany at 7 score of 1. This game was played by much of the sports press as the greatest shame of the hundred years of the national team, completed that same year. To tell the story of 7-1 was constant drive of the 1950 defeat done largely in order to demonstrate that the elimination of the Brazilian team of the 2014 World Cup was a defeat that quitaria with the so-called "1950 tragedy" as He became known the defeat of Brazil to Uruguay in the World Cup that year, at the Maracana. This article proposes to analyze the reception of the decisive defeat of the Brazilian team in 1950 and 2014, produced by the sports press, aiming to show similarities and differences. The different ways of narrating the failure of the Brazilian team in the field, in the World Cup, indicate important changes in the national and global stage, relating not only to football, but the aspects related to the sports press, as well as the interpretations that the country is himself through football, and especially during the World Cup.

Keywords: World Cup1950. World Cup 2014. Sport press.



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

1. Introdução

Em 2014, pela segunda vez o Brasil sediou uma Copa do Mundo. Em 1950, o país também recebeu aquela que já era a mais importante competição de futebol. No que diz respeito a diversos aspectos, há consideráveis diferenças entre essas duas Copas, mas algo fundamental as une: a seleção brasileira sofreu significativas derrotas e não conquistou o título de campeã, o que gerou forte repercussão na imprensa esportiva em suas tentativas de explicar o fracasso em campo. No Brasil, as participações do Brasil em Copas do Mundo são fontes das histórias que “contamos sobre nós mesmos” (BITENCOURT, 2009, 177) e um dos principais narradores dessa história é a imprensa esportiva, veículo fundamental que põe em circulação, mas também participa da produção de sentidos e representações.

Em 1950, o jogo Brasil 1 X Uruguai 2 entrou para a história como uma tragédia, interpretação essa que se consodoliza na década de 1970. Em 1950, o país contava com uma população de 52 milhões de habitantes, mas o número de brasileiros que carregaram na memória a história daquele 16 de julho foi multiplicado. Memórias vividas e, em sua grande maioria imaginadas, passaram de geração para geração, muitas das quais mediadas pelas versões que a imprensa produziu sobre aquele jogo. A chegada da Copa de 2014 reavivou essas memórias e o fantasma do Maracanazo¹ voltou, não somente por intermédio de alguns torcedores uruguaios que cobertos com um lençol branco brincavam de assombração nas arquibancadas e ruas do Brasil. A seleção do Uruguai estava entre as 32 que iam disputar a Copa do Mundo e sua presença alimentava a expectativa de uma revanche. Porém, a seleção brasileira sequer chegou à decisão do título, sendo eliminada nas quartas de final da competição, após sofrer a maior goleada dos seus cem anos de existência. Alemanha 7 x 1 Brasil foi o resultado final de um jogo interpretado por grande parte da imprensa esportiva como a maior vergonha da longa trajetória da seleção nacional.

Para contar a história dessa partida, foi constante o acionamento da derrota de 1950 feito em grande medida com o objetivo de demonstrar que a eliminação da seleção da Copa de 2014 havia sido uma derrota que quitaria aquela sofrida diante dos uruguaios, 64 anos atrás. Podemos ver essa hipótese nas palavras do jornalista José Roberto Torero em sua

¹ Maracanazo foi o nome dado à derrota do Brasil para o Uruguai, no Maracanã em 1950.



Leda Maria da Costa

crônica intitulada “Obrigado, diria o técnico da seleção de 1950 a Felipão (*Folha de São Paulo*, Caderno Folha na Copa, 09/07/2014, D20). Seguindo o mesmo caminho, Thiago Salata escreveu em sua coluna “Tragédia de 50 perde espaço para a vergonha de 14 nos livros de história” (*Lance!* 09/07/2014, p.13).

Fazendo alusão ao livro de contos sobre futebol, *Maracanã, adeus*, de Edilberto Coutinho há de se perguntar se chegou a hora de dizermos Maracanazo, adeus. Este artigo propõe-se a analisar as recepções das decisivas derrotas da seleção brasileira em 1950 e 2014, produzidas pela imprensa esportiva, objetivando mostrar aproximações e distanciamentos. Serão analisadas as coberturas dos principais jornais impressos do país publicados nos dias que se seguem aos jogos Brasil 1 x Uruguai 2 e Brasil 1 x Alemanha 7. No primeiro caso deu-se prioridade a cobertura do *Jornal dos Sports*, pois era o principal periódico esportivo do país, reunindo os mais representativos jornalistas da época, a começar por seu proprietário, Mário Filho. Em relação a cobertura do 7 a 1 serão analisadas a recepção da derrota de jornais impressos, sobretudo do eixo Rio e São Paulo, mas também serão feitas breves referências às abordagens da cobertura televisiva da Rede Globo.

Os diferentes modos de se narrar o fracasso da seleção brasileira em campo, em Copas do Mundo, indicam importantes mudanças no cenário nacional e global, relativos não somente ao futebol, mas a aspectos vinculados à imprensa esportiva, assim como às interpretações que o país faz de si mesmo por intermédio do futebol e, em especial, durante as Copas do Mundo.

2. 1950: a derrota de uma nação

Em 1950, o Brasil foi a campo podendo empatar a partida e mesmo assim sagrar-se campeão, porém acabou perdendo o jogo.² O dia 16 de julho de 1950 entrou para a história

² Foram treze equipes divididas em quatro grupos: 1. Brasil, Iugoslávia, Suíça e México; 2. Inglaterra, Espanha, Chile e EUA; 3. Itália, Suécia e Paraguai; 4. Uruguai e Bolívia. Como se pode perceber, os grupos foram divididos de modo desproporcional e isso se explica, pois se manteve a divisão dos grupos, feita antes das desistências. Quatro equipes iriam para a segunda fase e se enfrentariam, ganhando a Taça quem obtivesse o maior número de pontos. Ao final da Copa, havia entre Brasil e Uruguai a diferença de apenas um ponto, o que dava o direito de o Brasil empatar o jogo. A campanha da seleção, nessa segunda fase, foi bastante superior à uruguia. Havíamos vencido a Espanha por 6 X 1 e a Suécia por 7 X 1, enquanto o Uruguai jogando com essas mesmas equipes, empatou em 2X2 com a primeira e venceu a segunda por 3X2. Apesar da campanha modesta,



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

pelos portos dos fundos, sem heróis nacionais que pudessem ser lembrados e imortalizados. Ao Brasil restou um segundo lugar que de pouco ou nada valia porque o que se esperava era o inédito título. Pela primeira vez, ganhar uma Copa deixava de ser um sonho e se transformava numa certeza construída através de uma campanha superior a dos uruguaios. Foram seis jogos, quatro vitórias, um empate e uma única derrota (UNZELTE, 2002, 130). Porém, uma derrota que veio justamente quando não se podia perder, o que tornou praticamente insignificante e inútil todos os êxitos da seleção brasileira ao longo da competição. E se é verdade que a vitória sobre a fúria espanhola, ao som de mais de 150 mil vozes entoando a marchinha “Touradas de Madri”³ (SOTER, 2002, 85), se transformou numa antológica página da história do futebol brasileiro, a perda do jogo para o Uruguai cravou lugar indelével na memória esportiva nacional.

Paulo Perdigão, autor do livro *Anatomia de uma derrota*, tinha razão ao afirmar que “a derrota transformou um fato normal em uma narrativa excepcional” (1986, 36), o que significa dizer que se o Brasil tivesse ganhado dos uruguaios, o impacto do jogo seria menor. Entretanto, é válido frisar que a derrota por si só tem um poder de repercussão um tanto quanto limitado, pois embora ela de fato seja um momento de difícil aceitação e assimilação, é preciso reconhecer a importância da ação de certos mecanismos amplificadores dos sentidos atribuídos aos jogos, que podem intensificar o impacto do fracasso. Embora a atenção dada a Copa do Mundo em 1950 fosse incomparável ao que temos hoje em dia⁴, a cobertura da imprensa esportiva não poupou esforços para criar uma atmosfera de euforia e expectativas.

A força desse discurso produzido pela imprensa foi capaz de multiplicar o jogo (TOLEDO, 2002). Na Copa de 1950, rádios e jornais, sobretudo o *Jornal dos Sports*, tiveram um papel fundamental na intensificação dos sentidos atribuídos aquele Brasil X Uruguai. O mais popular periódico esportivo do país tinha como proprietário, o jornalista Mario Filho que participou ativamente da campanha pela construção de um novo e monumental estádio para

o Uruguai ainda era um país com forte tradição no futebol, afinal tinha em seu currículo a conquista do bicampeonato olímpico (1924-1928), assim como a da primeira Copa realizada pela FIFA, em 1930.

³ Para comemorar a goleada do Brasil por 6 a 1 na seleção espanhola a torcida no Maracanã cantou a marchinha “Touradas de Madri” composta por Braguinha.

⁴ Sérgio Monteiro Souto comenta que, no dia da final, as primeiras páginas de alguns dos principais jornais do país não foram dedicadas ao jogo Brasil X Uruguai. O *Correio da Manhã* “não dedicou uma linha sequer de sua primeira página ao jogo” (2000, 65). Já o *Jornal do Brasil* teve como manchete principal uma notícia referente à participação dos Estados Unidos na Guerra da Coreia.



Leda Maria da Costa

abrigar os jogos no Rio de Janeiro.⁵ O Maracanã, o “colosso do Derby”, foi erguido em menos de dois anos, sendo capaz de abrigar 10% da população carioca da época⁶, proeza que fez o estádio ser tomado como símbolo da capacidade empreendedora do povo brasileiro (MOURA, 1998). Nesse cenário, estaria no gramado mais do que um simples time de futebol e sim uma seleção que desde o final da década de 1930 se configurava como uma espécie de metonímia da própria nação (GUEDES, 1977).

Antes do jogo contra os uruguaios, alguns jornais desfilavam as fotos dos jogadores da seleção e não economizavam em elogios aos onze que estariam honrando a nação brasileira. Incentivo ao torcedor também não faltava, por isso, pedia-se que os mesmos não deixassem de torcer a favor do selecionado como prova de patriotismo. A Rádio Continental, por exemplo, instruiu o público a se comportar no estádio de modo a “participar da enorme torcida cívica” (apud MOURA, 1998, p. 114), cantando o Hino Nacional e dando apoio irrestrito ao selecionado. “Viva o Brasil – campeão do mundo” dizia a propaganda dessa mesma rádio estampada em uma página da edição do *Jornal dos Sports* que circulou no dia da decisão (JORNAL DOS SPORTS, 16/07/1950, p. 7).

O tom nacionalista marcou a realização da Copa do Mundo de 1950, fazendo com que a partida do dia 16 se afigurasse como o momento inigualável da trajetória de um país que por intermédio do futebol se via capaz de mostrar-se vencedor e apto a grandes realizações. Esse tipo de recurso, como já afirmou o historiador Eric Hobsbawm, demonstrava que o espetáculo esportivo se convertera em um eficaz meio para que sentimentos de base nacionalista fossem apregoados, isso graças ao fato de os esportes permitirem um fácil estabelecimento de identidade entre nação, pois “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” (1990, p. 171).

No dia do jogo, Mário Filho desenha um Brasil e Uruguai como evento único, afinal: “Nunca nenhum acontecimento no Brasil, de qualquer natureza, comoveu tanto o país” (apud MOURA, 1998, p. 111). Nas páginas da imprensa esportiva criou-se um clima de grande

5 Sobre a participação de Mário Filho na campanha de construção do Maracanã ver MOURA. Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

6 Oficialmente o Brasil 1 x Uruguai 2 teve como público 173.850 mil pagantes, mas estima-se que havia cerca de 200 mil pessoas no estádio. O Rio de Janeiro tinha em 1950 uma população de 2 milhões e 407 mil pessoas (cf PERDIGÃO, 1986, p. 76).



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

otimismo e até mesmo de certeza da vitória diante dos orientais, como demonstrava a profética manchete da *Gazeta Esportiva*: “Venceremos o Uruguai” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 69). O jornal *O Mundo* foi mais enfático e cravou em sua primeira página: “Estes são os campeões do mundo” manchete estampada na capa e acompanhada da foto dos jogadores da seleção (apud PERDIGÃO, 1986, p. 68).⁷

Porém a vitória não veio e toda expectativa se transformou rapidamente na mais profunda decepção fazendo com que a derrota da seleção se assemelhasse a uma espécie de trapaça do destino. O sentimento de desolação se estendia para além do campo esportivo, frente a ameaça de um futuro sombrio não somente para o futebol, mas para o próprio país. Esse tipo de temor foi expresso na conhecida crônica “O povo sem sorte” de José Lins do Rego publicada no *Jornal dos Sports*, na qual podemos ler o desabafo: “E, de repente, chega-se à decepção maior, à ideia fixa que se grudou na minha cabeça, a ideia de éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias da vitória, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino” (17/07/1950, p. 5).⁸ O escritor Antonio Olinto lamentou que “Perdemos. O amargor da derrota ainda contrai muitas fisionomias. Perdemos quando não podíamos perder (...) Caímos como heróis que não contavam com o destino” (18/07/1950, p. 5). O jornal *O Globo* também carregou nas tintas dramáticas e nas palavras de Geraldo Romualdo Silva, a perda da Copa havia representado um momento que provocara um sentimento de tristeza, difícil de ser expressado:

7 Há relatos historicamente não confirmados de que essa manchete teria sido usada como fator motivacional para os uruguaios. Obdulio Varela, sentindo-se ofendido e menosprezado, teria comprado alguns exemplares do jornal, espalhou-os pelo vestiário, pedindo aos seus companheiros que urinassem em cima daquela manchete e jurassem que fariam de tudo para vencer o Brasil. Verdadeira ou não, essa história emblematiza o tipo de tratamento dado por grande parte da imprensa a esse jogo e as expectativas criadas em torno da vitória do selecionado.

8 Esse tipo de análise negativa, que se estendia ao país como um todo, se manteve na recepção da derrota de 1954, desenhando o perfil de uma raça caracterizada pelo descontrole emocional responsável não apenas pela eliminação do Brasil, mas pelo tumulto ao final da partida que entrou para a história como a “Batalha de Berna”. Em um artigo publicado na *Folha de São Paulo* fazia menção a “causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influído para tal estado de coisas João Lyra provavelmente derivava essa hipótese da tumultuada partida entre Brasil X Hungria na qual dois brasileiros foram expulsos e o técnico Zezé Moreira, após o jogo, atirara uma chuteira no rosto do ministro dos Esportes da Hungria (SOTER, 2002, 95) O aspecto emocional foi do mesmo modo destacado por João Lyra Filho em seu livro *A Taça do Mundo de 1954*. Segundo o autor a falta de domínio emocional teria sido o fator determinante para a eliminação do selecionado brasileiro, defeito que não estaria circunscrito ao âmbito futebolístico, pois “o sistema nervoso que trabalhou aqueles momentos inaugurais do jogo, denunciado no estado de ânimo dos nossos rapazes, não é privativo dos jogadores brasileiros de futebol; é comum à maior parte do povo brasileiro” (Grifos meus, 1954, 55).



Leda Maria da Costa

Nada, palavra, alguma, expressão nenhuma, reproduz exata e fielmente o que foi o reservado dos brasileiros, uma vez terminada a batalha que decidiu a posse do troféu Jules Rimet. Só mesmo vendo, só mesmo diante dos fatos, da eloquência dos sentimentos e das lágrimas, poder-se-ia constatar, pesar e medir, o grau das ocorrências que coroaram o fim de tarde no Maracanã (O GLOBO, 17/07/1950, p. 12).

Se por um lado havia o discurso da desolação, o forte investimento na união entre futebol e nacionalismo também provocou a tentativa de se amenizar a derrota, algo notável, sobretudo, no *Jornal dos Sports*. A manchete do dia seguinte ao jogo dava mostras do cuidadoso tratamento que se daria a derrota: “Uruguai campeão de fato; mas Brasil, melhor team do mundo” (*Jornal dos Sports*, 18/07/1950, p. 1). A frase reproduzida na primeira página era de autoria do jornalista austríaco Willy Meils⁹, o que podemos interpretar como uma estratégia que visava conferir uma impressão de maior neutralidade – e também autoridade – ao elogio lançado a favor do futebol brasileiro. O recurso a opiniões vindas de estrangeiros se repetiu em outros momentos como, por exemplo, na matéria “Foi a seleção mais brilhante do campeonato” (18/07/1950, p. 3) na qual um correspondente tentava informar os leitores a respeito da recepção da derrota na Itália. Segundo o conteúdo, os elogios à atuação da seleção brasileira, feitos pela crônica esportiva italiana, consideraram a vitória dos uruguaios injusta e que “O Brasil, de maneira alguma, saía diminuído desse jogo” (JORNAL DOS SPORTS, 18/07/1950, p. 3).

A tentativa de suavizar a decepção se estende pelos dias seguintes ao jogo. Mário Filho defendeu que o “Brasil ganhou mais do que perdeu com a derrota” afinal, segundo o jornalista, mesmo sem vencer, o país havia conquistado respeito e admiração mundial (JORNAL DOS SPORTS, 20/07/1950, p. 5). Além de se exaltar o futebol, o *Jornal dos Sports* também enfatizou o encantamento provocado pela torcida brasileira que mesmo triste havia se comportado de modo pacífico, sem confusão alguma no Maracanã. Em matéria publicada no dia 19 de julho, a torcida foi alvo de elogios na matéria “Repercute extra-fronteiras nossa conduta ante o revés”, condutada que chamava atenção, afinal as 200 mil pessoas presentes ao jogo mostraram-se “maior em nobreza, em educação, em espírito desportivo” (JORNAL DOS SPORTS, 19/07/1950, p. 3). De acordo com esse mesmo jornal, os uruguaios seriam os mais

⁹ Willy Meisl correspondente do periódico inglês *World Sports* e irmão de Hugo Meisl treinador da seleção da Áustria, campeã Olímpica de 1936.



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

maravilhados com a torcida brasileira e, por isso, fariam uma petição pública para angariar dinheiro e erguer uma placa no Maracanã “a fim de que perdure no bronze a emocionante gratidão dos desportistas uruguaios” (JORNAL DOS SPORTS, 20/07/1950, p. 1).

Porém, também surgiram críticas, culpabilizações e a procura por vilões (COSTA, 2008). A necessidade de atribuir responsabilidades pela perda do jogo foi imperativa, pois como bem percebeu Nelson Rodrigues, “nas derrotas muito amargas, a tendência natural da torcida é caçar, por toda parte os culpados” (2007, 256). Em 1950, os alvos principais foram o lateral Bigode e o goleiro Barbosa. O periódico *Esporte Ilustrado* conclui que ambos os jogadores haviam sido os “principais causadores do revés” (20/07/1950). Na análise das atuações individuais, o *Correio da Manhã* afirmou que Barbosa “não esteve numa tarde feliz (...) Falhou por ocasião do segundo gol uruguaio” (18/07/1950). O *Estado de São Paulo*, por sua vez, declarou que “se Barbosa permanecesse parado, onde se encontrava, a bola teria batido nele e voltado. Fez, porém, o inacreditável: atirou-se no chão quando ela vinha de meia altura” (apud Perdigão, 147). Já no jornal *O Diário do Povo*, podemos ler que “Barbosa esteve num dia negro, engolindo um frango no gol que deu a vitória aos orientais” (18/10/1950). No *Jornal dos Sports*, a foto do gol de Ghiggia veio acompanhada do seguinte comentário: “Barbosa falhou na cobertura da meta. O couro tomou o caminho certo do fundo das redes” (18/07/1950, p. 1). Opinião bem próxima a do colunista desse mesmo jornal, Ricardo Serran, que afirmou que Barbosa havia deixado “passar os dois gols uruguaios, especialmente o segundo” (JORNAL DOS SPORTS, 17/07/1950).

Grande parte da imprensa também não deixou de apontar para a instabilidade emocional dos atletas da seleção que teriam titubeado diante da responsabilidade de dar o título ao Brasil. Os jogadores não teriam suportado o medo da derrota que se tornara ameaçadora, após o empate uruguaio: “Quando os jogadores foram surpreendidos pela possibilidade da derrota, não resistiram. *Pouco se mostraram à altura das circunstâncias*” (Grifos meus, *Jornal dos Sports*, 18/07/1950). A questão da falta de ímpeto para superar o adversário foi destacada na análise feita pelo *Correio da Manhã* que considerou a vitória uruguaia merecida, sobretudo, porque “sobravam aos uruguaios justamente, o que nos faltava e em que uma partida é tudo, congrega a técnica ao preparo físico. Alia boa vontade à sorte: a fibra” (18/07/1950). Insistindo em problemas de ordem emocional, o diagnóstico explicitado pelo *Anuário Esportivo Brasileiro de 1950* afirmava que: “Os uruguaios venceram porque (...)



Leda Maria da Costa

têm pinta de campeões mundiais, não sofrem do complexo de inferioridade, não se atemorizam com torcidas, mesmo que sejam essas compostas de 200 mil pessoas” (apud PERDIGÃO, 1982, p. 171).

A derrota para os uruguaios narrada pela imprensa dialogava com o complexo de inferioridade que nos anos de 1950 ainda se mantinha forte na auto-imagem do brasileiro (HILÁRIO JR, 2007, p. 93). O lamento pela perda da Jules Rimet ultrapassava as quatro linhas e dramatizava uma questão antiga que se relacionava à desconfiança da “deficiência da raça brasileira, temática que se prolongava desde a época do Estado Novo” (GUEDES, 1998). Sendo assim, o Maracanazo foi compreendido como um fracasso mais que esportivo, pois que da própria nação representada em campo pelos jogadores. Como mostra a historiadora Fátima Antunes, ao longo dos anos de 1950, Mário Filho em suas crônicas insistirá na tentativa de interpretar o Brasil sob a luz da derrota para os uruguaios, o que contribui para o fortalecimento da memória do trauma do Maracanazo (ANTUNES, 2004).

Somente em 1958 é que o dia 16 de julho consegue sua primeira redenção com a conquista da Copa da Suécia, o que leva Mário Filho a dizer “E se, a princípio, se duvidava do Brasil, *é que se julgava o Brasil ainda pelo 16 de julho*. Duvidava-se do futebol brasileiro, duvidando-se do Brasil (...) Muito obrigado, jogadores brasileiros: vocês mostraram ao mundo um Brasil perfeito” (Grifos meus, *Jornal dos Sports*, 30/06/1958). Em 1958 o jornal *O Globo* publicou uma propaganda do Guaraná Antártica cujo slogan mais parecia um desabafo: “Vice agora são os outros!” (17/06/1958, p. 3). Mas a tomar pelas palavras de Nelson Rodrigues, em crônica escrita em 1959¹⁰, o Maracanazo estava longe de cair no esquecimento, afinal o brasileiro já havia deixado para trás muitos fatos importantes em sua história, menos a derrota para os uruguaios (RODRIGUES, 1994). Em 1966, Nelson Rodrigues novamente faz menção ao Maracanazo. Ao traçar um panorama das participações do Brasil em Copas do Mundo, o teatrólogo afirmou que “cada povo tem a sua irremediável catástrofe, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi a derrota frente ao Uruguai em 1950” (1994, 116).

10 O título da crônica é “O drama das sete Copas”



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

Em 1970, a memória de 1950 foi reavivada com total força, afinal a seleção pela primeira vez, voltaria a enfrentar o Uruguai em uma partida válida pela Copa do Mundo.¹¹ Desse modo, o Maracanazo ressurgiu como um fantasma e o goleiro Barbosa estava no centro dessa lembrança. A tentativa de inocentar Barbosa foi grande e ironicamente, o carrasco Ghiggia foi um dos que levantou voz a favor do ex-goleiro da seleção: “não houve falha de Barbosa (...) ele usou a lógica, já que o primeiro gol surgiu de uma jogada semelhante, de um centro meu (JORNAL DO BRASIL, 17/06/1970). O ex-jogador uruguaio Obdulio Varela, por sua vez, também defendeu Barbosa alegando que se tratava de um “goleiro ágil e com grande golpe de vista”, mas cuja sorte lhe faltara no segundo gol uruguaio (VEJA, 24/06/1970).

O resgate do Maracanazo voltou grande parte de sua atenção para a possibilidade de falha do goleiro Barbosa no segundo gol uruguaio. Esse resgate se alicerçava mais em dúvidas do que certezas, afinal de contas, os anos haviam passado e nem mesmos os jogadores mantinham intactas as recordações daquele jogo. As histórias contadas sobre 1950 ganharam uma aura lendária, não somente pelas condições específicas da partida, mas porque os recursos tecnológicos da época não eram suficientes para dar conta de uma versão um pouco mais fidedigna do jogo. A pouca tecnologia e a ausência das transmissões de TV facilitaram a emergência de relatos diversos. Ao longo dos anos, histórias vividas e imaginadas compuseram a trama da “tragédia de 1950” que com o tempo se converteu em um momento absolutamente fundamental na composição narrativa da história da seleção brasileira, já que representou a queda trágica, típica dos grandes e que, posteriormente, foi superada pelas vitórias.

Sua importância se faz notar na recepção da eliminação da seleção brasileira na Copa de 2014.

11 Após 1950, Brasil e Uruguai se enfrentaram em torneios continentais, mas somente em 1970 voltam a se encontrar em uma Copa do Mundo, no dia 17/06/1970. O resultado final foi Brasil 3 x Uruguai 1.



Leda Maria da Costa

3. A vergonha do 7 a 1

Na Copa de 1950, a TV não havia chegado oficialmente ao Brasil, o que somente aconteceria dois meses após a “tragédia do Maracanã”.¹² A filmagem das partidas daquela Copa ficou a cargo da produtora Aliança Cinematográfica cujo dono era Milton Rodrigues, irmão de Mário Filho, que venceu uma licitação para realizar a cobertura dos jogos no Maracanã. Milton e Mário, ao final da Copa, lançaram nos cinemas do Rio de Janeiro, o documentário *A Copa do Mundo de 1950* (MELO, 2003). A rádio ainda era o principal veículo de comunicação e o único a partir do qual podia-se ouvir o jogo ao vivo, sendo que os jornais impressos auxiliavam na chegada das informações e na promoção dos jogos, como foi mostrado em parágrafos acima. Em 1950, somente 13 seleções participaram da competição, o que em parte se explica devido ao período do pós-guerra, mas também se justifica pela distância entre América Latina e Europa, o que exigia uma viagem desgastante, geralmente feita de barco, esforço que alguns países não se mostraram dispostos a fazer.¹³ Para receber a Copa, somente um estádio foi construído, enquanto alguns outros espalhados pelas 6 cidades passaram por pequenas reformas.¹⁴

Em 2014 o contexto é absolutamente outro. Nos últimos anos, a Copa do Mundo se converteu em um ritual periódico capaz de atrair a atenção de bilhões de pessoas ao redor do planeta (MASCARENHAS, 2009). Estamos diante de um megaevento que de fato pode ser considerado global e, por isso, atrai o interesse de cidades e países que como o Brasil, unem

12 Para viabilizar a inauguração da primeira transmissão televisiva no país, Assis Chateaubriand comprou cerca de 200 aparelhos que foram “espalhados por bares e lojas de São Paulo” (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO; 2010, 19). Esse marco da história da TV, no Brasil, ocorreu dia 18 de setembro de 1950, em uma cerimônia realizada no saguão dos Diários Associados de propriedade daquele empresário do ramo das comunicações (Id, ibid).

13 Não foi nada fácil organizar a Copa de 1950. Para começar, não foi possível contar com a participação da Argentina e da Alemanha, duas seleções importantíssimas na época. A Alemanha estava se recuperando da Segunda Guerra Mundial e, além disso, havia sido suspensa pela FIFA de torneios internacionais. A Argentina teve problemas internos sérios. Jogadores talentosos como Di Stefano foram contratados por times espanhóis e colombianos, os jogadores que ficaram em seu país reivindicaram muito dinheiro para jogarem a Copa e entraram em greve tornando impossível a montagem de um time. Mas outras seleções tradicionais também não vieram disputar o torneio. Hungria, Tchecoslováquia e Polônia, ainda sob efeito da Segunda Guerra, não aceitaram o convite da FIFA. Já a Itália, que na época era a bicampeã mundial, enviou seu selecionado extremamente desfalcado por causa da tragédia ocorrida com o avião que transportava a equipe do Torino, base da seleção italiana. Além disso, houve casos de desistência mesmo após as eliminatórias. A França, quase em cima da hora, desistiu de participar da competição. A Índia também, pois se negou a obedecer a proibição de se jogar descalço, imposta pela FIFA (UNZELTE, 2002, 126)

14 Somente o estádio do Maracanã foi construído para a Copa de 1950 que distribuiu seus jogos em 6 cidades do país (Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre).



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

esforços para sediá-lo. Os megaeventos esportivos são uma das mais buscadas – e também questionadas – estratégias de *branding* urbano adotada por países e cidades com vistas a torná-los visíveis e identificáveis no imaginário global (JAGUARIBE, 2001). Para a Copa do Mundo de 2014 sete estádios novos foram erguidos e cinco reformados, provocando significativas alterações na cultura torcedora local. A malha urbana também foi alvo de interferência, transformações, visando a construção de uma estrutura que tornasse viável a circulação e hospedagem de atletas, de autoridades esportivas e políticas, assim como a imprensa de diversos outros países.

Em termos esportivos, o futebol brasileiro também se modificou bastante. Se em 1950 o terceiro lugar, obtido em 1938, havia sido o melhor resultado em Copas, em 2014, o Brasil já ostentava cinco estrelas derivadas dos campeonatos mundiais ganhos desde 1958. Essas conquistas fizeram da seleção a equipe mais vitoriosa da história das Copas, podendo aumentar essa marca caso conquistasse o hexacampeonato em seu próprio território. Para essa missão foi chamado Luiz Felipe Scolari, o técnico campeão pela seleção brasileira, em 2002, esperando-se que ele fosse capaz de levar a equipe novamente ao sucesso. A contratação de Felipão atendia a uma demanda por um técnico com perfil vencedor e experiente (*Placar*, 27/05/2013).

Embora o futebol brasileiro seja vitorioso, a seleção de 2014 quase sempre esteve sob olhares desconfiados da imprensa e a chegada de Felipão não melhorou essa perspectiva, pois foi considerada uma solução conservadora que não daria conta de uma necessária renovação na seleção brasileira. O comentarista Fernando Calazans entendeu o retorno de Felipão como um retrocesso derivado de escolhas de ordem política da CBF que estaria levando “o futebol brasileiro de volta ao passado” (O GLOBO, Caderno de Esportes, 30/11/2012, p. 2). Entretanto esse tipo de opinião se modifica após a conquista da Copa das Confederações, em 2013, quando esse mesmo jornalista elogia o técnico dizendo que ele conseguia incutir “nos jogadores, sentimento de união, de confiança de luta e vitória” (O GLOBO, Caderno de Esportes, 01/07/2013, p. 2). O entusiasmo com a seleção foi grande e boas perspectivas começaram a se desenhar para a Copa de 2014, porém as exigências em torno do desempenho da seleção são sempre muitas e basta um tropeço para aquilo que era considerado bom transforme-se em problema. Foi o que aconteceu após a primeira derrota da seleção, desde o



Leda Maria da Costa

fim da Copa da Confederações, em um amistoso contra a Suíça, resultado que o jornal *O Globo* traduziu como “Água no chop” (Caderno de Esportes, 15/08/2013).

Até o início da Copa do Mundo a seleção foi vista com certa desconfiança por parte da imprensa insatisfeita com o futebol burocrático e pouco criativo praticado em campo. Quando a competição se inicia, as atuações da seleção são alvo de críticas minimizadas pela celebração das vitórias, sobretudo, aquelas ocorridas nas fases decisivas. O primeiro desses jogos foi contra a seleção chilena, decidido na cobrança de pênaltis e que teve como personagem principal o goleiro Julio Cesar considerado o herói da partida.¹⁵ Como diz a manchete de *O Globo*, “Julio Cesar Salvador. A estrela de Felipão. Salvo pela trave e pelo goleiro no qual apostou em meio à desconfiança geral, técnico celebra milagres da classificação” (Caderno de Esportes, 29/06/2014, p. 3).

A vitória contra a Colômbia, nas quarta-de-final, foi recebida de modo comemorativo, mas as manchetes principais se voltaram para a lesão sofrida por Neymar, o principal jogador da seleção. Neymar fraturou uma vértebra após sofrer uma falta do jogador colombiano Zúñiga e foi cortado do mundial. Esse fato foi noticiado ao vivo durante o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, quando o narrador Galvão Bueno diz em tom lamentoso que “Neymar está fora da Copa”¹⁶. As primeiras páginas dos principais jornais do país do dia seguinte à classificação para as quartas de final, destacaram a ausência do jogador no próximo jogo da seleção. O *Estado de São Paulo* estampou a manchete “Neymar fora da Copa” (05/07/2014, p.1) e ao fundo a imagem do jogador sendo levado de maca para fora do gramado. A *Folha de São Paulo* afirmou que “Brasil vai à semifinal, mas Neymar está fora da Copa” (05/07/2014, p. 1) e o *Correio Braziliense* preferiu em sua primeira página, uma manchete mais emotiva, referindo-se a lesão de Neymar como “A dor que calou uma alegria” (05/07/2014, p. 1).

Sem esse jogador, as expectativas de vitória da seleção foram fortemente diminuídas, fazendo surgir a preocupação com as possíveis soluções táticas para fazer a seleção brasileira jogar e ganhar mesmo com a ausência do referido atleta. Na véspera do jogo, o colunista Renato Maurício Prado pergunta “Qual será, afinal, o time do Brasil sem Neymar” (Caderno Copa 2014, p. 4) dúvida que perpassou grande parte das páginas da imprensa esportiva até

15 Após o empate de 1 a 1, o jogo foi para a prorrogação, mas sem continuando o empate a decisão foi para as cobranças alternadas de pênaltis. O resultado final foi Brasil 3 x Chile 2 e o goleiro Julio Cesar da seleção brasileira defendeu dois pênaltis.

16 *Jornal Nacional*, Rede Globo, 04/07/2014. Arquivo da autora.



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

mesmo porque o técnico Luiz Felipe Scolari não anunciou quem seriam os jogadores que iriam a campo. A ausência de seu mais importante jogador gerou forte preocupação, o que se pode notar em matérias que demonstravam a dificuldade que a seleção enfrentaria. Por isso, segundo a *Folha de São Paulo* “Sem Neymar, seleção abandona discurso de favoritismo ...” (Caderno Copa 2014, 08/07/2014, p. D4).

Nos dias que antecedem a partida, a atenção se volta para a contusão de Neymar, fato extensamente dramatizado pelo discurso da imprensa e pela exibição do vídeo veiculado pela CBF em que o jogador chorando afirma que “Me tiraram o sonho de disputar uma final de Copa do Mundo. Mas o sonho de ser campeão mundial, ainda não acabou”¹⁷. As máscaras com o rosto de Neymar produzidas pela campanha “somos todos Neymar”, criada por uma agência publicitária, mostra a atmosfera de comoção em torno de sua ausência, sentimento amplamente fomentado por diversas instâncias. O jornal o *Globo* publicou na primeira página do encarte especial Copa 2014, um poema do cantor Moraes Moreira feito em homenagem ao jogador. Logo nos primeiros versos podemos ler: “Por que será que o destino/Silencioso trabalha/Deixando nosso menino/De fora dessa batalha? (...)” (08/07/2014).

Além dessa ausência, é importante considerar que de um modo geral as atuações da seleção brasileira não foram capazes de despertar muitos elogios da imprensa esportiva, o que reforçou a desconfiança de que a seleção talvez não conseguisse sair vitoriosa do jogo contra a Alemanha. A matéria “Inversão de papéis” do jornal *O Globo* é exemplar dessa desconfiança, pois nela afirma-se que embora a seleção tivesse conseguido chegar às quartas-de-final, jogava um futebol burocrático e bruto, enquanto a Alemanha “tem mais técnica do que resultados” (Caderno Copa 2014, 08/07/2014). Nesse contexto, a derrota era algo que se fazia possível no horizonte de expectativas de torcedores e de parte da imprensa esportiva. Não apenas possível como até mesmo desculpável, aspecto incomparável com 1950, quando a vitória era tida como certa, como já foi dito acima.

Em 2014, o que surpreendeu e tornou a derrota inaceitável foi o seu tamanho: 7 x 1. Foram constantes as referências as palavras “vergonha” “vexame”, “humilhação” para se definir o resultado. A manchete de capa de *O Globo* dizia “Vergonha, vexame, humilhação” (*O GLOBO* 09/07/2014). O jornal *A Tarde* optou por fazer uma capa com uma imagem

¹⁷ Jornal nacional, Rede Globo, 5 de julho de 2014. Arquivo da autora



Leda Maria da Costa

aludindo a um obituário no qual pode-se ler: “Aqui jaz o sonho do hexa em 2014. Morto de vergonha”. (09/07/2014). O *Correio Brasiliense* foi enfático afirmando que o 7 a 1 era “Um vexame para a eternidade” título de uma longa crônica de João Valadares publicada na primeira página e emoldurada por imagens de jogadores e torcedores chorando (09/07/2014). O *Estado de Minas* sentenciou “A maior vergonha do futebol brasileiro” (09/07/2014) e o mais importante periódico esportivo do país recorreu a uma capa com fundo todo branco na qual convida o leitor a escrever seu sentimento em relação à derrota: “Indignação, revolta, dor, frustração, irritação, vergonha, pena, desilusão... Diga o que está sentindo e faça você mesmo esta capa do *Lance!*” (09/07/2014). Optando por um fundo todo negro, o jornal *Meia Hora*, do Rio de Janeiro, faz uma alusão a uma frase muito usada nas manifestações de junho de 2013¹⁸, afirmando que “Não vai ter capa. Hoje não dá pra fazer graça, a gente ficou com vergonha. Amanhã nós voltamos. Enquanto você lia isso... mais um gol da Alemanha” (09/07/2014). A capa foi vencedora do prêmio Esso de 2014.

Vergonha, humilhação, fiasco são sentimentos típicos de sociedades regidas por códigos hierárquicos em que é importante a demarcação das posições ocupadas pelas identidades sociais. No caso do futebol como demonstra Arno Vogel:

A Copa do Mundo instaura uma hierarquia entre identidades nacionais. Para os que têm consciência de status à flor da pele, como os membros das sociedades hierárquicas, entretanto, cada vez que está em jogo uma posição no sistema, é a própria honra nacional que está sendo posta à prova (1982, p. 94).

Em 2014, essa honra tem como pano de fundo o glorioso histórico da seleção brasileira, pentacaampeã mundial que se viu rebaixado por conta de um placar elástico, pouco típico em jogos de Copa do Mundo, sobretudo em se tratando da seleção brasileira. As marcas negativas da seleção foram elencadas em diversos jornais na tentativa de demonstrar que o 7 a 1 seria a pior derrota da seleção. O uso de dados foi a principal característica da recepção da

¹⁸ Em 2013, uma série de passeatas mobilizou milhões de pessoas que em diversas cidades do Brasil se juntaram para protestar contra uma série de problemas como a corrupção, o alto custo de vida, a falta de investimento público em setores como educação e saúde, etc. Esses protestos ficaram conhecidos como “a jornada de junho” que fizeram fortes críticas à realização da Copa do Mundo, especialmente, no que se refere ao uso do dinheiro público destinado a esse evento. Uma das palavras de ordem que podiam ser ouvidas em algumas manifestações era “não vai ter Copa” que também podia ser lida nos muros de diversas cidades.



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

Folha de São Paulo que na matéria “Nunca antes” dedicou uma página inteira para demonstrar que o resultado diante da Alemanha havia registrado “sete feitos históricos (...) inéditos na maior derrota já sofrida pela centenária Seleção Brasileira (FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno Copa 2014, D5). O mesmo recurso pode ser visto na primeira página do Caderno de Esportes do jornal *O Globo*, que de modo irônico anunciou que a seleção brasileira entrara para a história, afinal a eliminação da Copa foi “A *pior* derrota em 100 anos. *O pior* revés de um anfitrião de Mundial. *A maior* goleada em uma Semifinal. *A pior* derrota de uma seleção campeã. *O maior* vexame do futebol brasileiro (Grifos meus, 09/07/2014). Essa manchete é complementada afirmando-se que “Os jogadores de 1950 estão redimidos” (O GLOBO, Caderno de Esportes, 09/07/2014).

Como era de se esperar as referências a 1950 foram constantes, sendo usadas para agigantar ainda mais o peso da derrota no estádio Mineirão. Esse viés interpretativo se fez notar de maneira incisiva nos jornais *Extra* e *Diário de Pernambuco*. Ambos usaram em sua capa principal a clássica imagem em que se mostra o goleiro Barbosa caído após o gol de Ghiggia e ao fundo o jogador Bigode com as mãos na cabeça, em sinal de desespero¹⁹. O primeiro jornal diz “Parabéns, aos vice-campeões de 1950 que sempre foram acusados de dar o maior vexame do futebol brasileiro. Ontem conhecemos o que é vexame de verdade” (9/07/2014). E o *Diário de Pernambuco* estampou: “Barbosa descanse em paz. O pior dia do futebol brasileiro”, pois de acordo com o jornal se a derrota de 1950 parecia até então “Uma decepção que, pensava-se, jamais seria repetida. Infelizmente aconteceu e foi pior. A goleada de ontem envergonhou a nação, mas redimiu Barbosa” (09/07/2014).

¹⁹ Essa é uma das únicas imagens que sobraram da Copa de 1950.



Leda Maria da Costa

Figura 1 – Capa do Diário de Pernambuco



Fonte: Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/copa-do-mundo/2014/07/09/jornais-brasileiros-lamentam-goleada-historica.htm#fotoNav=6>> . Acesso em 22 mar. 2016

O Estado de São Paulo em sua capa principal estampou a manchete “Humilhação em casa” e nomeou o 7 a 1 “de tragédia que lembrou o Maracanazo de 1950 (09/07/2014). *A Folha de São Paulo* também em sua matéria de capa estampa que “A seleção sofre a pior derrota de sua história” e complementa dizendo que: “se em 50, a derrota teve contornos de tragédia, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação” (9/07/2014, p. A1). Na matéria assinada pelo jornalista Fernando Molica, no jornal *O Dia*, o 7 a 1 também representaria uma remissão dos jogadores da Copa de 50, pois “Os vice-campeões de 1950 não podem ser comparados aos atletas e integrantes da comissão técnica que protagonizaram o maior vexame do nosso futebol” (09/07/2014). O colunista esportivo Fernando Calazans em tom de pesar, comenta que o 7 a 1 foi uma espécie de afronta ao futebol pentacampeão brasileiro cuja trajetória havia sido maculada pela goleada que “jogadores técnicos, torcedores de todas as épocas – não mereciam isso. Não mereciam saber disso, muito menos *ver* isso, *presenciar* isso, *assistir* a isso. Não mereciam passar por essa vergonha, essa tragédia – eu



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

vou dizendo logo, uma tragédia maior, muito maior, do que a vivida no Maracanã, na Copa de 1950” (Caderno Copa 2014, O GLOBO, 09/07/2014, p. 2).

Porém há consideráveis diferenças entre as duas derrotas e as narrativas delas derivadas. Em primeiro lugar, o 7 a 1 não foi uma derrota da nação. Embora ainda seja perceptível a tentativa de se construir discursos de ordem nacionalista em torno da seleção, esse aspecto não é mais predominante. Esse tipo de análise seria pouco provável nos dias atuais por diversos motivos entre os quais se destaca o fato de que há um gradativo enfraquecimento da relação entre futebol e identidade nacional, o que significa dizer que “as narrativas em torno da seleção brasileira de futebol já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação” (HELAL, 2003, p. 2). É provável que por esse motivo o narrador Galvão Bueno logo após o sétimo gol da Alemanha tenha afirmado: “uma derrota muito marcante. E é importante dizer que se entenda isso como esporte. É importante dizer que se entenda isso como futebol”.²⁰

Outro fator diferenciador fundamental diz respeito ao recurso às novas tecnologias, especialmente, das mídias eletrônicas. Se em 1950, havia uma carência de imagens e a possibilidade de um discurso mais homogêneo em torno da seleção, hoje em dia, esse fenômeno é bastante dificultado pelas diversas vozes dissonantes que surgem em blogs, sites de relacionamento e diversas outras ferramentas disponibilizadas pela internet. As novas tecnologias têm auxiliado a tornar mais complexa a relação mensagem receptor, até mesmo porque contribuem para uma crescente segmentação de público (CATELLS, 2011).

Nos usos dessas ferramentas destacam-se as apropriações humoradas da derrota da seleção brasileira para a Alemanha e os inúmeros “memes” surgidos, ainda enquanto o Brasil jogava com a Alemanha. Um dos mais populares mostra uma montagem feita a partir de uma cena do último capítulo da novela Senhora do Destino em que a personagem Nazaré carrega nos braços uma criança que havia tentado roubar dos pais. No lugar da criança, põe-se a taça do mundo nos braços de Nazaré e acima da imagem pode-se ler: “Vamos pro plano B, né galera” (Figura 2). Outra montagem mostrava uma foto de Neymar dizendo “Ainda bem que fiquei em casa”.

²⁰ Transmissão do jogo Alemanha 7 x Brasil 1, Rede Globo, 8/07/2014. Arquivo pessoal



Leda Maria da Costa

Figura 2 – Meme sobre Brasil 1 x Alemanha 7, em alusão a última cena da novela Senhora do Destino



Fonte: Disponível em <<http://bestradiobrasil.com/br/brasileiros-trocam-choro-por-deboche/>> Acesso, 20 mar. 2016

Embora seja compreensível que inicialmente tenha se recorrido à comparação entre 1950 e 2014, é válido ressaltar a distância que há entre esses dois momentos. Apelar para a “tragédia de 1950” foi um recurso narrativo que visava aumentar o tom dramático do 7 a 1, por isso pouco importava se de fato esses dois momentos apresentavam patamares comparativos mais pertinentes. Alguns teóricos da comunicação têm chamado a atenção para o fato de que há interferência de estruturas narrativas no processo de conversão de um acontecimento em notícia (TRAQUINA, 1999, p. 168). Afinal a notícia não é um mero espelho da realidade, mas a representa por intermédio de artefatos linguísticos revelando-se, portanto, como “uma instituição social e cultural, inserindo-se dentro de uma produção simbólica cultural da sociedade” (ARNT, 2007, p. 158). Como afirmou Gaye Tuchman “ser um repórter que lida com factos e ser um contador de “estórias” que produz contos não são atividades antitéticas (1999, p. 261). Para contar a história da eliminação da seleção brasileira da Copa de 2014 optou-se pelo “culto ao superlativo” (NEVEU, 2006, p. 121) e uma das



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

estratégias para atingir esse fim foi o acionamento da tragédia de 1950, uma memória familiar e traumática.

É sobretudo com objetivo de obtenção de boas médias de vendagem que a imprensa esportiva costuma lançar mão de recursos narrativos cuja intensidade pode variar de acordo com o tipo de publicação. Há também um forte diálogo com a linguagem publicitária perceptível em manchetes próprias para incitarem o consumo, o que torna necessário: “um título de apelo forte, bem nutrido de emoções, surpresas lúdicas, jogos visuais, artifícios linguísticos. O título ganha vida de consumo como qualquer anúncio publicitário” (MEDINA, 1978, p. 139). Para dar cores pesadas à eliminação do Brasil, para oferecer aos leitores “páginas de sensação” (EL FAR, 2004) tratou-se não somente de compará-la com a tragédia de 1950, mas de tentar mostrar que o Maracanazo havia sido ultrapassado, pois o 7 a 1 seria uma derrota “pior”.

Certamente, é bastante provável que o 7 a 1 se fixe na história do futebol brasileiro, pois em termos numéricos ela é bastante representativa, em uma Copa do Mundo. Entretanto, a aproximação entre 1950 e 2014 se faz por laços tênues, basicamente pelo fato de as Copas terem sido realizadas no Brasil. Fora esse fato há importantes diferenças entre esses dois acontecimentos, como buscou-se demonstrar nos parágrafos anteriores. A memória da derrota de 1950 teve sua construção iniciada após o jogo Brasil 1 x Uruguai 2, mas somente firmou lugar com o passar do tempo, com a sequência das Copas e não imediatamente após a partida. Portanto, concluir que o 7 a 1 conseguiu superar a derrota de 1950 como foi proposto por considerável parcela da imprensa é uma leitura precipitada e que somente se justifica pela ânsia por manchetes marcadas pelo excesso.

Em 1966, Nelson Rodrigues chegou a afirmar que a derrota para Portugal, que eliminara o Brasil da Copa daquele ano, teria sido pior que a de 1950, “pior e mais amarga e mais tudo, porque perdemos o tricampeonato Era um título inédito” (*Jornal dos Sports*, 21/07/1966).

Sendo assim, ainda é cedo para dizermos adeus ao Maracanazo.



Leda Maria da Costa

4. Considerações finais

A derrota da seleção brasileira em pleno Maracanã tomado por 200 mil pessoas, assim como ocorreu com o naufrágio do Titanic, foi apropriada pelo “entretenimento memorialístico” (HUYSSSEN, 2000, p. 14) e não sem motivos a cena do gol de Gigghia pode ser assistida na sala intitulada “Rito de Passagem” do Museu do Futebol em São Paulo, no estádio do Pacaembu. Congregando morte e renascimento, o mito de 1950 continua ecoando no imaginário nacional. Em 2010, o jornalista Juca Kfoury publicou em seu blog o texto “16 de julho de 1950: o nascimento de uma nação”²¹ de autoria do escritor Roberto Vieira. Fazendo uma alusão ao filme *O nascimento de uma nação*²², mas tomando outros rumos narrativos, Roberto Vieira enfatiza no texto a força do povo brasileiro capaz de se reerguer mesmo diante das situações difíceis:

O Brasil era a mão calejada das arquibancadas.
Do sonho desfeito numa tarde de domingo.
O Brasil era a lágrima do 16 de julho de 1950.
Reerguendo-se na segunda-feira silenciosa.
Mentem os livros de história.
Como sempre.
O Brasil não nasceu com Pedro Álvares Cabral.
O Brasil não nasceu às margens do Riacho Ipiranga.
O Brasil nasceu no dia 16 de julho de 1950.
Às margens do Rio Maracanã.²³

A derrota de 1950 é uma espécie de mito fundador do futebol brasileiro. Mito entendido aqui como uma narrativa baseada em fatos históricos, que ao ser frequentemente narrado passa por transformações e reelaborações. E uma dessas reelaborações foi recentemente feita em 2014. Não podemos excluir a hipótese de que o 7 a 1 ganhe contornos míticos, mas somente o tempo poderá nos dizer.

21 Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2010/07/16-de-julho-de-1950-o-nascimento-de-uma-nacao-2/> (Acesso em 19/03/2016)

22 *The Birth of a Nation*, filme dirigido por D.W. Griffith, em 1915, um filme icônico no que se refere a inovações nas técnicas de filmagem e que foi o primeiro grande sucesso de público do cinema Hollywoodiano. Porém, o filme também provocou polêmica, pois em uma de suas cenas finais haveria uma apologia a Ku klus Klan. Essa referência provocou uma série de protestos, o que é considerado como um marco do surgimento dos movimentos populares de afirmação dos negros.



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo de; PROCHNIK, Luisa. Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo. *Logos* 33.

Comunicação e Esporte. v. 17. N.02, 2º semestre 2010.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARNT, Hérís. **A realidade nos trilhos da ficção**: a notícia no século XXI. Revista Rio de Janeiro, n. 20-21, jan-dez, 2007.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Esboço sobre algumas implicações do futebol e da Copa Do Mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. **Revista brasileira Cienc. Esporte, Campinas**, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Seguido de a influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. RJ: Zahar, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda** – Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

COSTA, Leda. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

DARDENNE, Robert W.; BIRD, Elizabeth. Mito, registo e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**. Literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924). SP: Companhia das Letras, 2008.

FRANCO JR. Hilário. **A dança dos deuses**. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.



Leda Maria da Costa

_____. **O Brasil no campo de futebol.** Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.

HELAL, Ronaldo e SOARES, Antônio Jorge. **O Declínio da Pátria de Chuteiras:** futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: Associação Nacional Dos Programas De Pós-Graduação Em Comunicação, XII, 2003, Recife. Compós. Congresso: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo** desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JAGUARIBE, Beatriz. Imaginando a “cidade maravilhosa”: modernidade, espetáculo e espaços urbanos. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 327-347, maio/agosto 2011.
MASCARAENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: DEL PRIORE, Mary. MELO, Victor Andrade de (Orgs). **História do esporte no Brasil.** São Paulo: Unesp, 2009.

MOURA. Gisella de Araújo. **O rio corre para o Maracanã.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo.** São Paulo: Loyola, 2006.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota.** Porto Alegre: L & PM, 1986.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos. **História da televisão no Brasil.** Do início aos dias de hoje. SP: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras:** novas crônicas de futebol. Organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes.** Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SOUTO, Sergio Monteiro. **Os três tempos do jogo:** Anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

SOTER, Ivan. **Enciclopédia da Seleção:** as Seleções Brasileiras de futebol, 1914-2002, Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol.** São Paulo: Huicitec, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.



Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa

TUCHMAN, Gaye. Contando 'Estórias'. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2ª ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 158-262.

UNZELTE, Celso. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto et ali. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

Artigo recebido em março de 2016
E aprovado em maio de 2016